



**UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA
E MUCURI/ UFVJM. CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA
- EAD- EDUCAÇÃO Á DISTÂNCIA**

SOLANGE ROSA LIMA

**(DES)MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM
DE MATEMÁTICA:QUAIS FATORES ENVOLVIDOS?**

TAIOBEIRAS – MG

2016

SOLANGE ROSA LIMA

**(DES)MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM
DE MATEMÁTICA:QUAIS FATORES ENVOLVIDOS?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para obtenção do Diploma de Graduação em
Licenciatura em Matemática, à Universidade
Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Orientadora: Adriana Assis Ferreira.

Co-orientadora: Mara Lúcia Ramalho.

TAIOBEIRAS – MG

2016

(DES)MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA: QUAIS FATORES ENVOLVIDOS?

Solange Rosa Lima¹
Adriana Assis Ferreira²
Mara Lúcia Ramalho³

Resumo: O problema da (des)motivação dos alunos das escolas da rede estadual de Minas Gerais tem sido um grande desafio para professores em sala de aula. Este trabalho tem como objetivo investigar os fatores envolvidos na (des)motivação dos alunos pelos estudos em geral e mais especificamente pelas aulas de Matemática em uma escola estadual no município de Salinas. Para alcançar tal objetivo, foi aplicado um questionário a alunos de duas turmas do Ensino Médio da Escola Estadual Manoel Pedro Silva, situada em Nova Matrona, município de Salinas (Minas Gerais). A análise dos dados indicou que a maioria dos alunos gosta da escola. Tal fato se deve, no entanto, mais pela escola tratar-se de um local em que têm a oportunidade de socialização (com colegas/amigos e professores) e que oferece merenda. Apesar de reconhecerem que estudar é determinante para “ter um futuro melhor”, um número significativo de alunos afirma que “gosta de estudar às vezes, quando consegue aprender”. O fato de não conseguir aprender, como comprovam nossos dados, leva à desmotivação que, por sua vez, em um círculo vicioso, agrava a dificuldade de aprendizagem. Os alunos descreveram a rotina das aulas como sendo tradicionais: “o professor explica a matéria e depois vêm as atividades”. Tal formato é pouco desejável por eles já que a grande maioria indica que gostariam que as aulas de Matemática fossem “aulas práticas e teóricas”. O relacionamento com o professor - que indicam como bom, respeitoso e até de amizade - não foi um fator indicado como ‘desmotivador’. Um dos primeiros passos a serem dados, no sentido de tentar diminuir o problema, é criar um contexto para que os alunos se sintam motivados. Uma aposta seria a opção por aulas mais desafiadoras com potencialidade de estimular significativamente os alunos.

Palavras-Chave: Motivação. Ensino e aprendizagem. Matemática.

1 Introdução

Durante minhas observações e regências nos Estágios Supervisionados I, II e III e ao iniciar meu trabalho como professora, em sala de aula, deparei-me com um grande desafio enfrentado pelos educadores, em especial por aqueles que lecionam Matemática no Ensino Médio: a (des)motivação dos alunos. Tal situação é considerada preocupante, pois, como tem sido recorrente afirmar, sem motivação não há aprendizagem. De fato, Pozo (2002) salienta que a motivação deve ser considerada como um requisito, uma condição prévia da

¹ Aluno (a) do Curso de Matemática – UFVJM. Pólo de Apoio Presencial – Taiobeiras Email: sol.rosa2011@yahoo.com.br

² Orientador (a) da Pesquisa – Diretoria de Educação Aberta e a Distância – EAD/UFVJM E-mail: aassisferreira@gmail.com

³ Co-orientador (a) da Pesquisa – Diretoria de Educação Aberta e a Distância – EAD/UFVJM E-mail: mararamalho03@yahoo.com.br.

aprendizagem.

Infelizmente, a desmotivação é realidade em muitas escolas. É visível o desinteresse de muitos alunos pelos estudos, em especial do Ensino Médio, fazendo com que invistam muito pouco ou nada no seu próprio aprendizado, desencadeando o insucesso na vida escolar ou evasão escolar.

Bzuneck (2001) afirma que:

(...) alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco. Em última instância, aí se configura uma situação educacional que impede a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e realizarem-se como pessoas, além de se capacitarem a aprender pela vida afora (BZUNECK 2001, p.13).

A progressão continuada parece agravar ainda mais a situação, não sendo raro, em sala de aula, os alunos repetirem em voz alta: “para que estudar se no final do ano eu passo [com a progressão continuada]?”. A aprovação automática, leva muitos alunos a acreditar que podem ‘bagunçar’ o ano inteiro e, no fim, conseguirão a nota-meta. Para aqueles que não obtêm tal nota, em muitos casos, é dada a oportunidade de fazer um trabalho (em casa) valendo 40 pontos – que não raro é feito por outra pessoa – e uma avaliação na escola valendo 60 pontos.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/1996), a progressão continuada é uma garantia de acesso e permanência do aluno na escola, possibilitando o combate à evasão escolar, à distorção idade-série e a prevenção da repetência. No entanto, o que ocorre, em muitos casos, como comprovei por ocasião do Estágio Supervisionado, é o ‘avanço’ indiscriminado dos alunos ao longo da Educação Básica.

Para ser bem sucedida, a progressão continuada deveria garantir um efetivo acompanhamento da situação do aluno bem como a formação continuada dos professores e uma gestão escolar eficiente. Condições essas essenciais para garantir a aprendizagem.

Mas a aprovação automática não é o único fator que leva à (des)motivação. Martini (1999) declara:

Professores que gostariam de melhorar a motivação de seus estudantes, precisam ter uma compreensão clara das causas específicas que subjazem os problemas motivacionais destes alunos, a fim de auxiliá-los na superação dos mesmos (MARTINI, 1999, p.70).

Martini (1999) defende que tal compreensão é essencial porque os problemas motivacionais podem comprometer seriamente a aprendizagem dos alunos. De fato, como corrobora Bzuneck (2004), a motivação do aluno está diretamente ligada à sua aprendizagem, já que determina o envolvimento ativo do mesmo e o emprego do esforço no processo de

ensino e aprendizagem.

Segundo Bzuneck (2004), a motivação abarca fatores psicológicos que levam à escolha e/ou iniciativa de uma atividade, bem como a persistência em fazê-la, o emprego de esforço e recursos pessoais, como tempo, energia, talento, conhecimento, dentre outros. Bzuneck (2011) destaca ainda que a motivação leva a uma escolha, uma decisão, estimula, inicia um comportamento e assegura sua permanência. Sendo assim, é talvez o principal determinante do êxito e da qualidade da aprendizagem escolar.

Martini (1999), salienta que a problemática da (des)motivação nos diversos níveis de escolaridade tem sido o centro das discussões no que diz respeito ao que vai mal em nossas escolas. São crescentes as queixas dos pais pelo baixo ou nenhum valor atribuído pelos filhos à escola. Durante o intervalo das aulas, é comum ouvirmos também a manifestação dos professores externalizando suas preocupações com relação ao desinteresse dos educandos quanto às atividades propostas.

Mas afinal, por que os alunos se mostram tão desmotivados?

Segundo Fita (2003), são diversos os motivos que levam os alunos a variarem em intensidade o desejo de aprender e o que aprender. “Os alunos atribuem seus êxitos ou fracassos a diferentes causas, que podem estar dentro ou fora do sujeito; segundo respondam a algo permanente ou mutável e ainda, controláveis ou incontroláveis, quando é possível ou não interferir nelas” (FITA, 2003, p.88).

Na compreensão da motivação discente precisamos levar em conta tanto motivos internos como metas, expectativas, disposição de enfrentar as obrigações, etc. (HUERTAS, 2001) como características do ambiente escolar como a quantidade de alunos por sala, metodologias utilizadas pelo professor, organização do espaço e as interações nele estabelecidas.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo investigar os possíveis fatores que levam muitos alunos a não se interessarem ou não apresentarem persistência no processo de ensino e aprendizagem de Matemática. Para tanto, aplicamos um questionário a duas turmas do Ensino Médio da Escola Estadual Manoel Pedro Silva, situada em Nova Matrona, município de Salinas (Minas Gerais).

Entendemos que justifica-se uma reflexão em torno dessa problemática já que consideramos urgente a busca por alternativas que possibilitem a superação ou diminuição do problema.

2 Marco Teórico

2.1 Motivação

“Não importa o tamanho dos nossos obstáculos, mas o tamanho da motivação que temos para superá-los” (CURY, 2003, p. 101).

Alguns autores entendem a motivação como processo predominantemente subjetivo.

Oliveira e Alves (2005) definem motivação como:

Uma “energia” que impulsiona alguém em determinada direção, ou seja, é uma força interna que faz com que o indivíduo busque realizar algo. Desta definição destaca-se seu aspecto subjetivo, isto é, algo intrínseco ao indivíduo, não sendo possível motivar alguém (OLIVEIRA e ALVES, 2005, p.5).

Também para Huertas (2001), a motivação é compreendida como um processo psicológico sendo proporcionada por meio de componentes afetivos e emocionais. Outros autores consideram a motivação como processo que engloba além do subjetivo, o social. Zenti (2000, p.134), defende que “a motivação não é apenas algo natural, mas depende de fatores externos, por isso, as pessoas apresentam motivações diferentes para o mesmo assunto”. Fita (2003) conceitua motivação como um conjunto de variáveis sejam contextuais ou pessoais, que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo.

Como comprovamos pelas definições aqui apresentadas, a motivação tem sido entendida de diversas formas. Existe um consenso generalizado, no entanto, quanto à sua dinâmica considerando-a como o que move o ser humano ao longo da sua vida estando “envolvida em todas as espécies de comportamento: aprendizagem, desempenho, percepção, atenção, recordação, esquecimento, pensamento, criatividade e sentimento” (MURRAY, 1971, p.39).

No contexto escolar, a motivação é o fator interno que impulsiona o aluno para estudar, iniciar os trabalhos e permanecer neles até o fim. De acordo com Bzuneck:

(...) toda pessoa dispõe de recursos pessoais como o tempo, a energia, os talentos, os conhecimentos e as habilidades. Esses recursos poderão ser investidos em qualquer atividade escolhida pelo indivíduo, sendo mantidos, enquanto estiverem atuando os fatores motivacionais. Desta forma, a motivação pode influenciar no modo como o indivíduo utiliza suas capacidades, além de afetar sua percepção, atenção, memória, pensamento, comportamento social, emocional, aprendizagem e desempenho (BZUNECK, 2001, p.79).

Segundo Piletti (1993, p. 62) “a motivação é a base para a aprendizagem”. Sem motivação não existe aprendizagem. Por mais que o educador se empenhe para ensinar de mil formas diferentes e interessantes, utilizando os mais variados recursos, se o aluno não estiver motivado ele não irá aprender (NEVES e BORUCHOVITCH, 2007). Sendo assim, os interesses e gostos pessoais dos alunos devem ser levados em conta pelo educador em sua prática.

Fita e Tapia (2000) ressaltam:

A motivação está ligada à interação dinâmica entre as características pessoais e o contexto em que as tarefas escolares se desenvolvem. Isto quer dizer que o desempenho do professor é tão importante quanto o do aluno, para proporcionar a motivação para a aprendizagem (FITA e TAPIA 2000, p, 8).

Torres (1999, p.278) defende que “a motivação escolar é algo intrincado, processual e contextual, mas alguma coisa pode ser feita para que os alunos recuperem ou mantenham seu interesse em aprender”.

2.2 Motivação e aprendizagem

“Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (PAULO FREIRE, 1996, p.52).

Vários estudos realizados demonstram que a motivação é um dos fatores facilitadores da aprendizagem. Quanto mais motivados se apresentarem os estudantes, maiores são as chances de serem bem sucedidos no aprendizado escolar ao passo que estudantes com baixa motivação aprendem pouco ou nada. É um requisito prévio da aprendizagem (POZO, 2002).

Piletti (1993) afirma que:

A motivação é fator fundamental da aprendizagem. Sem motivação não há aprendizagem. Pode ocorrer aprendizagem sem professor, sem livro, sem escola e sem outra porção de outros recursos. Mas mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver motivação não haverá aprendizagem (PILLETI, 1993, p.63).

Autoras como Neves e Boruchovitch (2007) apontam que a motivação é primordial para que haja a aprendizagem, porém, este desejo precisa vir de dentro, intrinsecamente. Assim, não adianta o educador levar para a sala de aula diferentes materiais didáticos, ou que existam computadores na escola. O aluno precisa sentir-se motivado a utilizá-los para, a partir daí, construir conhecimentos (NEVES e BORUCHOVITCH, 2007). Neste trabalho, admite-se

que o professor não tem como motivar os alunos, mas pode incentivá-los, pode criar contextualmente um ambiente que desperte interesse no aluno.

Desta forma compete ao educador, além de levar em conta os interesses e expectativas dos seus alunos, tornar a aula mais prazerosa instigando esses a realizar suas atividades com a meta de aprender, crescer intelectualmente. Conscientizá-los da necessidade dos esforços, dedicação e determinação para atingir os objetivos.

Marinho e Fiorelli (2005) apontam que a experiência profissional faz diferença no ambiente complexo e imprevisível denominado sala de aula, já que não existem regras prontas para o professor seguir. Os conteúdos que são interessantes para uns, podem não ser para outros. E embora sejam aplicados os mesmos estímulos e estratégias a diferentes pessoas, ainda que em situações praticamente idênticas, conduzem a caminhos diferentes.

Lima (2000) declara que:

Sendo o professor figura favorecedora do processo de ensino-aprendizagem, para um aluno se motivar a aprender algo é preciso que esse organize o ambiente de forma que desperte o desejo, a necessidade e a vontade do aluno para atingir um objetivo, atuando assim como “agente ativo” e propiciador de metodologias diversas no âmbito da sala de aula (LIMA, 2000, p.24).

O educador, portanto tem o desafio de incentivar os alunos, buscando seu engajamento no processo de ensino e aprendizagem.

Como fazer?

Criando situações que despertem o interesse dos alunos, instiguem a curiosidade com temas e materiais que lhes sejam atraentes além de tarefas desafiadoras, incitando-os a buscarem conhecimentos. A explicitação da relevância e da aplicação dos conteúdos à vida cotidiana também contribuem para despertar a motivação dos alunos.

É preciso considerar, no entanto, que não só o aluno precisa encontrar-se motivado. Como defende Bzuneck (2001, p.28) “em qualquer situação, a motivação do aluno esbarra na motivação de seus professores”. O comportamento do educador influencia a motivação do aluno, o entusiasmo e a paixão do educador pelo trabalho refletem diretamente neste, servindo de exemplo.

Tapia e Fita (1999, p.90) concordam que “os processos de ensino-aprendizagem são satisfatórios quando se estabelece uma conexão, uma sintonia, entre o professor e os alunos, uma cumplicidade”. Para que essa sintonia professor-aluno aconteça, faz-se necessário que o primeiro conheça os sonhos e interesses do segundo, de modo a planejar aulas atrativas nas quais o aluno reconheça seu papel ativo e determinante na construção do conhecimento.

Casari (2014) afirma que:

A figura do educador assume especial importância, visto que o mesmo é responsável em adequar o ensino à aprendizagem, possibilitando dessa forma um ensino mais relevante e significativo para os alunos, garantindo assim a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos (CASARI, 2014, p.35).

A criatividade é um requisito primordial na personalidade do educador para que este enriqueça suas habilidades no desenvolvimento e planejamento de atividades desafiadoras fomentando a curiosidade de querer saber do aluno.

Sacristan (2000) salienta que:

O professor criativo não é, pois, somente aquele que busca novas tarefas ou pretende realizá-las de forma pessoal numa área curricular determinada, mas é quem, além de enriquecer seu conhecimento de recursos, possui os fundamentos das tarefas que realiza (SACRISTAN, 2000, p.267).

Sendo assim, é grande a responsabilidade do professor no sucesso ou no fracasso dos alunos. Faz diferença se o professor possui domínio do conteúdo a ser trabalhado; se é um profissional satisfeito e realizado, se gosta realmente do que faz (se não é professor apenas por ter sido a única opção); se aperfeiçoa e atualiza-se; se não se encontra 'parado' diante da evolução tecnológica; se leva em conta as necessidades e potencialidades de seus alunos no exercício da docência.

Caberia, diante do exposto, refletir sobre as condições de trabalho dos professores diante de tantos desafios. Neste trabalho, no entanto, nos dedicaremos a nos aproximar dos motivos da (des)motivação apresentada por muitos alunos no sentido de subsidiar modificações nas práticas dos professores.

3-Problema e Metodologia -

O foco dessa investigação incide na (des)motivação dos alunos no ensino e aprendizagem da Matemática em duas turmas do Ensino Médio da Escola Estadual Manoel Pedro Silva, uma escola pública situada em Nova Matrona, município de Salinas /MG.

Diante desse contexto, procuramos, neste artigo, oferecer uma resposta à seguinte questão: **quais fatores estão envolvidos na (des)motivação dos alunos de Matemática?**

Em busca de respostas, optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa levando em conta a natureza do nosso objetivo de pesquisa.

Conforme Moraes:

Pesquisas qualitativas têm cada vez mais sido utilizadas de análises textuais. Seja de textos já existentes, seja produzindo o material de análise a partir de entrevistas (...), a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, (...); a intenção é a compreensão (MORAES 2003, p. 191).

Participaram da pesquisa 29 estudantes do Ensino Médio, 2º e 3º ano, destes 12 (41,4%) pertenciam ao sexo masculino e 17 (58,6%) ao sexo feminino. A faixa etária dos alunos variou de 16 a 22 anos. Alunos estes da Escola Estadual Manoel Pedro Silva.

Localizada no norte do estado de Minas Gerais e apresenta um quantitativo de 350 alunos matriculados no ano de 2016, distribuídos no Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Em relação à estrutura física tem uma área de 3.300,50 metros quadrados, sendo considerada de pequeno porte. Possui 6 salas de aula, diretoria, secretaria, sala de professores, sanitários para alunos e funcionários, cantina. É dotada com uma sala de informática com alguns computadores já sem uso e outros funcionando, raramente os alunos podem usá-los, pois segundo a direção a escola não possui funcionário responsável pelo seu funcionamento e sem o mesmo a escola não pode liberar o acesso a todos. Possui uma sala de vídeo, uma biblioteca com um acervo pequeno, uma quadra poliesportiva com vestiário.

As salas possuem ventiladores, alguns em estado precário; janelas com vidros quebrados. As docentes do Ensino Fundamental dos anos iniciais são responsáveis pela estética interna dessas. Recentemente, a escola recebeu mobiliário e recursos materiais novos.

Com relação ao quantitativo de funcionários, a escola é formada por 28 docentes, 9 ASBs (Auxiliar de Serviços de Educação Básica), 3 ATBs (Assistente Técnico de Educação Básica), 1 diretor e 2 vice-diretoras, 3 bibliotecárias e 2 supervisoras. Estes dados foram obtidos no PPP (Plano Político Pedagógico) da escola, após a análise deste no Estágio Supervisionado I.

A coleta de dados aconteceu por meio de questionário aplicado aos alunos mediante a autorização escrita dos pais quando aqueles eram menores de dezoito anos e dos próprios alunos, além de oferecer a opção de não participar, caso não desejassem.

O questionário foi aplicado durante o horário de aula mediante a liberação docente. Antes da distribuição dos questionários, foi explicitado o tema da pesquisa bem como reafirmado a não obrigatoriedade de participação e garantia de não divulgação da identidade. Foi solicitado que elaborassem suas respostas com objetividade, fiéis aos seus sentimentos e comportamentos, livres de regras, sem medo de repreensão.

O questionário foi composto por 9 questões abertas e 1 fechada que alicerçaram o levantamento de dados a respeito de quais fatores influenciam ou resultam na (des)motivação dos alunos pelos estudos no geral e especificamente pelas aulas de Matemática.

1. Por que você frequenta a escola?
2. Você acha que a escola pode contribuir para a realização dos seus sonhos? Como?
3. O que você mais gosta na escola?
4. Como você se sente em sua escola? Com quais pessoas você mais interage?
5. Você gosta de estudar?
6. Você pretende cursar um curso superior? Qual?
7. Você gosta das aulas de Matemática?
8. Como é seu relacionamento com seu professor de Matemática?
9. Como tem sido a rotina de trabalho de seu (sua) professor (a) de Matemática?
10. Como você gostaria que as aulas de Matemática fossem?
 Aulas práticas;
 Aulas Teóricas;
 Aulas práticas e teóricas.

4 Apresentação e Discussão dos resultados

A análise dos dados deu-se a partir das respostas dos alunos ao questionário. Os questionários foram numerados de 1 a 29 e, para preservar a identidade, os alunos foram identificados como Aluno 1 a Aluno 29.

Em resposta à primeira pergunta, “Por que você frequenta a escola?”, a maioria (59%) dos alunos afirmou frequentar a escola pela possibilidade de um futuro melhor, de “ser alguém na vida”, muitos associaram essa ideia a conseguir um bom emprego. Outras respostas oferecidas a essa questão foram: para adquirir mais conhecimentos (17%); para completar o Ensino Médio (14%) e porque os pais os obrigam/ou incentivam (10%).

Observar-se isso nas falas abaixo:

Além dos meus pais me incentivarem a vim (sic), eu frequento porque quero me formar para conseguir um bom emprego (Aluno 25).

Porque praticamente tudo no futuro dependerá do nosso estudo e gosto de estudar (Aluno 28).

Porque desejo aprender, para mim (sic) tornar alguém melhor na vida, e para adquirir conhecimento (Aluno 18).

Porque pretendo ser mais inteligente nos conhecimentos gerais [obrigado por morar com meus pais] (Aluno 13).

Apesar de atrelar os estudos à possibilidade de adquirir um espaço no mercado de trabalho; os discentes não apresentaram grande interesse em desenvolver as atividades propostas em sala de aula.

Quando questionados se a escola pode contribuir para a realização dos sonhos e como; os alunos foram quase unânimes a afirmar que sim, afirmando que a escola contribuirá para que se formem no Ensino Médio; passem em alguma faculdade ou para prepará-los para o mercado de trabalho. Como comprovam as falas abaixo:

Sim. Pois com a escola eu vou aprender e assim as portas vão se abrir e vou realizar meus sonhos (Aluno 27).

Sim. Estudo hoje é tudo, futuramente quero me formar em uma faculdade então contribui muito (Aluno 28).

O meu sonho é formar pra ser polícia e prender os bandidos e salvar o nosso patrimônio e ser o chefe da cidade de Salinas (Aluno 10).

Sim. Com os diplomas para faculdade consigo um bom dinheiro (Aluno 12).

Foram obtidas diversas respostas para a questão 03: O que você mais gosta na escola?. Observa-se no (Gráfico 1) que 31% do total de alunos e alunas, mesmo com diversos itens existentes na escola, gostam mais da merenda. Os alunos também destacaram a convivência com os colegas/amigos (17%) e com os professores (10%). Afirmaram também gostar das aulas de Matemática (7%) mas indicaram preferência por aulas de outras disciplinas (31%). Dentre as últimas destacaram Educação Física, Português, Diversidade, Inglês e Geografia. O que se evidencia nas falas:

Gosto muito dos professores, dos meus colegas e de aulas de Inglês, Matemática, Educação Física etc (Aluno 1).

Das aulas de Geografia e de Português (Aluno 28).

Nada (Aluno 12).

Da merenda, quando é boa (Aluno 16).

Não totalmente, da merenda, mas uns 70% (Aluno 18).

Das aulas de Português e de Diversidade (Aluno 23).

Foi constatado também o gosto por aulas diferenciadas:

Das aulas mais criativas, que chama atenção dos alunos (Aluno 3).

Das aulas práticas, [...] da sala de vídeo e de informática (Aluno 20).

Gráfico 1- Questão 3: O que você mais gosta na escola?



Fonte: Questionários

Ao serem questionados sobre como se sentem na escola, 62,1% dos alunos afirmaram sentir-se bem; 6,9% desanimado/sem vontade de estudar; 10,3% excluído; 3,4% importante; 6,9% muito bem/ótimo e 10,3% normal. Com relação a pergunta adjunta percebe-se que interagem com colegas/amigos, professores e funcionários. Como exemplificam as falas abaixo:

Eu mim sinto bem na minha escola. Eu interajo mais com meus amigos e professores (Aluno 2).

Mim sinto ótimo. Com todos, professores e colegas (Aluno 8).

Eu me sinto importante, por estudar na escola (Aluno 11).

Eu me sinto como uma pessoa normal (Aluno 20).

Excluída (Aluno 24).

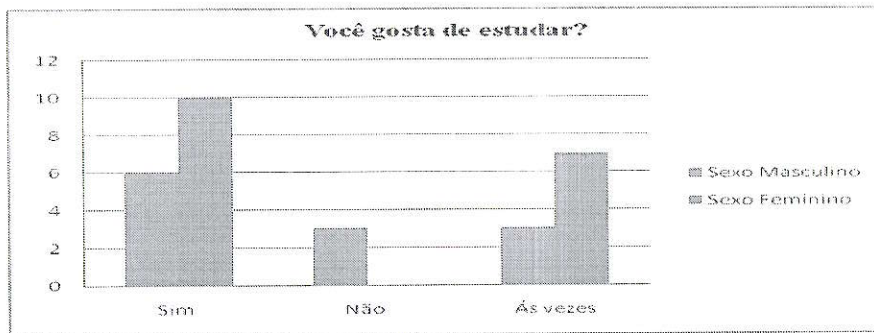
Gráfico 2- Questão 4: Como você se sente em sua escola? Com quais pessoas você mais interage?



Fonte: Questionários

Na quinta pergunta foi perguntado aos entrevistados se eles gostavam de estudar. 34% do sexo feminino e 21% do sexo masculino, afirmaram sim. 10% do sexo masculino afirmaram não gostar de estudar. Dentre os que responderam às vezes, 24% são do sexo feminino e 11% do masculino.

Gráfico 3- Questão 5: Você gosta de estudar?



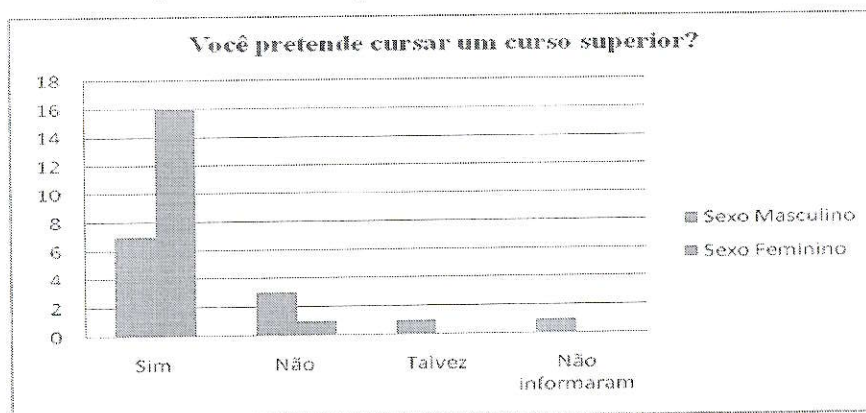
Fonte: Questionários

Com relação à perspectiva dos alunos em relação ao futuro universitário, aferiu-se que 79,3% declaram pretensão em cursar algum curso superior; sendo 55,2% meninas e 24,1% meninos. O total de alunos, 6,7% optaram por seguir nos cursos de Medicina veterinária; 13,8% nos cursos de Engenharia; 3,4% nos cursos de graduação-professor; 6,9% nos cursos de Agronomia e Farmácia; 41,4% em outros cursos variados.

Pôde-se notar que consonante as pesquisas a nível nacional, as mulheres tem progredido mais nos estudos. Em busca da equiparação salarial, elas têm buscado qualificar mais; em vista da transformação social.

Esses dados revelam uma concordância com os obtidos na questão 01: quem deseja um futuro melhor, atrela conhecimento à esperança.

Gráfico 4- Questão 6: Você pretende cursar um curso superior?



Fonte: Questionários

Foi perguntado aos alunos se eles gostavam das aulas de Matemática. Dentre meninos e meninas apenas 37,9% afirmaram gostar. Analisando entre gêneros, considerando apenas o total de meninos; 33,3% afirmaram que sim; 33,3% afirmaram que não e 33,3% afirmaram que às vezes. Considerando apenas o total de meninas, 41,2% afirmaram que sim; 17,6% afirmaram que não e 41,2% afirmaram que às vezes.

As falas abaixo exemplificam justificativas para gostar ou não de Matemática. A dificuldade é salientada e atribuída à própria Matemática “complicada”; à características pessoais “tenho um pouco de dificuldade” ou à qualidade das aulas “são péssimas”.

Não. São péssimas, eu odeio (Aluno 4).

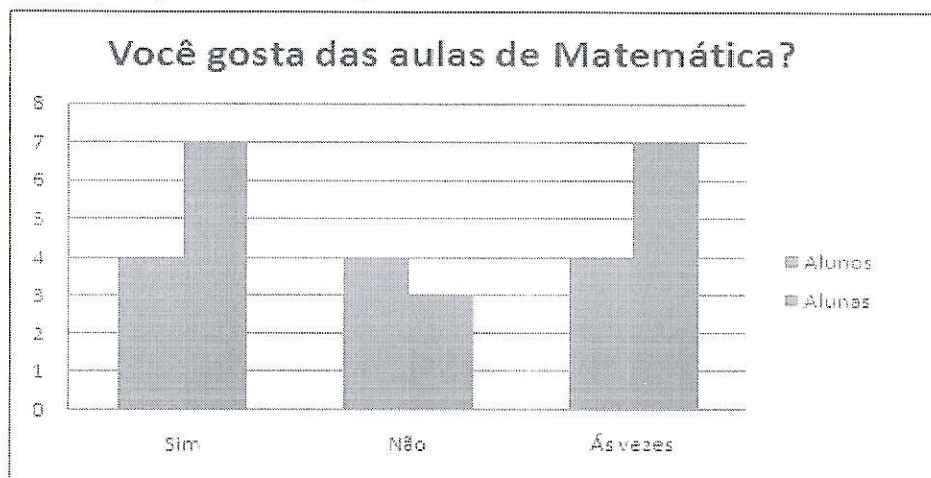
Não, porque é muito complicado (Aluno 6).

Sim. É a aula que eu mais gosto (Aluno 2).

Sim, são aulas de muito aprendizado (Aluno 3).

Às vezes. Depende muito da matéria, já que tenho um pouco de dificuldade (Aluno 25).

Gráfico 5: Questão 7: Você gosta das aulas de Matemática?



Fonte: Questionários

Quanto ao relacionamento com o professor de Matemática, 24,1% afirmaram ter um bom relacionamento; 6,9% respeitoso; 6,9% de amizade; 20,7% muito bom; 13,8% ótimo; 3,4% nem muito ruim, nem muito bom; 24,1% não indicaram. Sobre isso disseram:

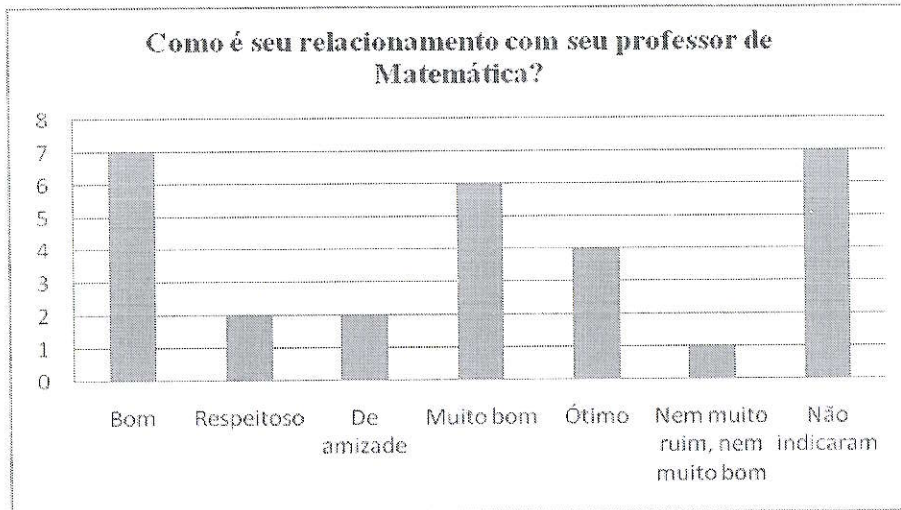
Muito bom (Aluno 17).

O meu relacionamento é de respeito e também amigo (Aluno 2).

[...] Nem muito ruim, nem muito bom (Aluno 12).

Ótimo (Aluno 18).

Gráfico 6- Questão 8: Como é o seu relacionamento com seu professor de Matemática?



Fonte: Questionários

Ao serem questionados sobre a rotina de trabalho do professor de Matemática (questão 9), os alunos indicaram o formato de aulas tradicionais: “Ele [o docente] explica a matéria e depois vêm as atividades” (Aluno 6). Segundo eles esse formato de aula não é apropriado, pois ao serem questionados sobre como gostariam que fossem as aulas de Matemática (questão 10), a maioria afirmou que preferiam “Aulas práticas e teóricas”.

5 Considerações finais

Esse estudo teve como objeto de discussão a importância da motivação no processo de ensino e aprendizagem, especificamente na Matemática. Vários autores afirmam que sem motivação não acontece a aprendizagem, sendo a primeira fator determinante no êxito e na qualidade da segunda. Estudar motivação configura-se como algo importante na prática educacional no sentido de subsidiar os docentes no exercício de sua função enquanto mediadores do saber.

A análise dos dados indicou que a maioria dos alunos gosta da escola. Tal fato se deve, no entanto, mais pela escola tratar-se de um local em que têm a oportunidade de socialização (com colegas/amigos e professores) e que oferece merenda.

Apesar de reconhecerem que estudar é determinante para “ter um futuro melhor”, um número significativo de alunos afirma que “gosta de estudar às vezes, quando consegue aprender”. O fato de não conseguir aprender, como comprovam nossos dados, leva à desmotivação que, por sua vez, em um círculo vicioso, agrava a dificuldade de aprendizagem.

Os alunos descreveram a rotina das aulas como sendo tradicionais: “o professor explica a matéria e depois vêm as atividades”. Tal formato é pouco desejável por eles já que a grande maioria indica que gostariam que as aulas de Matemática fossem “aulas práticas e teóricas”.

O relacionamento com o professor - que indicam como bom, respeitoso e até de amizade - não foi um fator indicado como ‘desmotivador’.

A (des)motivação para a aprendizagem trata-se de um problema para a educação, pois, sua ausência representa queda de qualidade na aprendizagem. Um aluno motivado busca conhecimentos e oportunidades, participa das atividades propostas com entusiasmo além de sempre estar disposto para novos desafios. Logo, um dos primeiros passos a ser dado, no sentido de tentar diminuir o problema, é criar um contexto para que os alunos se sintam motivados. Uma aposta seria a opção por aulas mais desafiadoras com potencialidade de estimular significativamente os alunos.

Desta forma cabe ao docente inovar, rever antigos métodos de ensino e aprendizagem, proporcionando ao aluno caminhos diferentes para sua formação na Educação Básica. Ultrapassar os modelos tradicionais de ensino, indo em direção a atividades escolares nas quais o saber do aluno seja levado em consideração.

Segundo Freire (1996, p. 33): “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. Mais especificamente na Matemática, é preciso no mínimo contextualizar o conteúdo abordado com a realidade discente. Atitudes essas fundamentais para que o aluno sinta participante ativo no processo ensino e aprendizagem.

O profissional de Matemática além de dominar os conteúdos precisa se atentar a função de incentivador, por que a maioria dos educandos por razões diversas, não gostam das aulas de Matemática. Becker (2003) lembra que os alunos não deixam de fazer coisas por serem difíceis, mas por não apresentar significado para eles.

Desta maneira um bom educador precisa fazer com que as coisas tenham sentido para seus educandos. Promover atividades que os envolvam na busca pela construção do conhecimento.

Referências

- BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: Aspectos Introdutórios. In: BUNECK, J. A.; BORUCHOVITH, E. (Orgs). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- CARVALHO, M. F. N.; PEREIRA, V. C. e FERREIRA, S. P. A. **A (des) Motivação da Aprendizagem de Alunos da Escola Pública do Ensino Fundamental I: Quais os fatores envolvidos?** Editora UFPE. Pernambuco, vol. 1, 2010. p. 1- 28. Disponível em < https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2007.2/a%20desmotivao%20da%20aprendizagem%20de%20alunos%20de%20escola.pdf>. Acesso em: 11 de maio de 2016.
- CASARI, C. (2014) **A influência da motivação no processo de ensino-aprendizagem**. Monografia - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. São Paulo.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FITA, E. C. O professor e a motivação dos alunos. In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. A **Motivação em sala de aula: O que é, como se faz**. 5. ed. São Paulo, Loyola, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HUERTAS, J.A. **Motivación: Querer aprender**. Buenos Aires: Aique, 2001.
- LIMA, L.M.S. **Motivação em sala de aula: A mola propulsora da aprendizagem**. In: SISTO, F.F; OLIVEIRA, G.C; FINI, L.D.T. (Orgs.) **Leituras de psicologia para formação de professores**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MARINHO, A.P.; FIORELLI, J. O. **Psicologia na fisioterapia**. São Paulo: Ateneu, 2005.
- MARTINI, Mirella Lopez. **Atribuições de causalidade, crenças gerais e orientações motivacionais de crianças brasileiras/Mirella Lopez Martini**. Campinas, SP: 1999.
- MURRAY, Edward. **Motivação e emoção**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
- NEVES, Edna Rosa Correia; BORUCHOVITCH, Evely. Escala de avaliação da motivação para aprender de alunos do ensino fundamental (EMA). **Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, v. 20, n. 3, 2007.
- OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; ALVES, Paola Biasoli. **Ensino fundamental: papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar**. Paidéia (Ribeirão Preto), 2005. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/paideia/article/view/6228> >. Acesso: 11

de maio de 2016.

PILETTI, N. **Psicologia Educacional**. 11ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

TAPIA, J.A.; FITA, E.C. **Motivação em sala de aula**. São Paulo: Loyola, 2000.

TORRES, J. C. Apresentação: a motivação para a aprendizagem. In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

ZENTI, L. Aulas que seus alunos vão lembrar por muito tempo: motivação é a chave para ensinar a importância do estudo na vida de cada um de nós. **Nova Escola**, São Paulo: Abril, v.134, ago, 2000.

SACRISTAN, J. Gimeno. **O Currículo: Uma reflexão sobre a prática**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.